

## **Entrevista com César Carbullanca**

**José Altran**

**Mestrando do departamento de Ciências da Religião – PUCSP**

(Entrevista realizada em 05/11/12)

César Carbullanca Núñez é doutor em Teologia Bíblica pela Universidade Pontifícia de Comillas, Espanha, e encabeça a criação do primeiro programa de pós-graduação em Ciências da Religião no Chile. O Concílio do Vaticano II representou um giro copérnico na autocompreensão da identidade e missão da Igreja Católica no mundo moderno, tornando necessário inscrever os ecos deste novo discurso no diálogo da instituição com a nova realidade mundial. Acreditando na importância de se superar o atual paradigma da fragmentação do conhecimento e objetivação do saber, é inaugurado no primeiro semestre de 2013 o curso de mestrado em Ciências Religiosas e Filosóficas na Universidade Católica de Maule, sob a direção de Carbullanca. Esta iniciativa propõe-se a oferecer à vida acadêmica do país uma alternativa interdisciplinar à teologia, num primeiro momento associando-a mais fortemente à filosofia e abrindo espaço para uma futura integração com outras áreas do saber. As linhas de investigação onde o curso toma sua base circundam, ao longo de quatro semestres, nos temas: Sagrada Escritura, Teologia Sistemática, Moral Cristã e Pastoral, Hermenêutica, Último Andar [21] – março de 2013

Fenomenologia e Filosofia Prática. Como acredita o teólogo, uma síntese metodológica entre diversas disciplinas é imprescindível para que se entenda o fenômeno religioso e as perguntas lançadas acerca da questão da transcendência, da alteridade, da busca por sentido, da tradição, dentre tantas outras, a fim de oferecer uma alternativa que dê essa sustentação ao pesquisador frente à falta de novas aberturas acadêmicas no país. Em novembro Carbullanca esteve no departamento de pós-graduação em Ciências da Religião na PUC-SP procurando parcerias e troca de informações para orientar a empreitada, e cedeu entrevista à Último Andar falando sobre o curso, expectativas, dificuldades e opiniões.

Último Andar – César, fale-nos brevemente sobre sua formação acadêmica.

César Carbullanca Núñez – Estudei no Seminário São Paulo de Rauquén, em Curicó. Posteriormente segui meus estudos na Universidade Católica do Chile, ali concluí a licenciatura. Posteriormente iniciei doutorado em Estudos Bíblicos na Universidade Católica de Comilla na Espanha. Também fiz estudos, porém não terminados, na universidade, de proficiência em línguas, e posteriormente, depois de meu doutorado, regressei a Talca, onde atuo no momento, na Universidade Católica de Maule.

U.A. – Quais experiências e opiniões pessoais considera terem lhe inspirado e lhe trazido a essa iniciativa?

C.C.N. – Importante considerar que venho de uma família que não é, podemos dizer, de formação católica tradicional, mas uma família como tantas que não são tão vinculadas a uma igreja. E que, posteriormente, quando ingressei no seminário, enfim se integrou a ela. Isso é importante para mim, porque permitiu que minha busca religiosa tivesse sido desde cedo experienciar Deus num estado diretamente vinculado à minha própria experimentação do mundo. Queria reconhecer Deus no mundo, e só depois na igreja.

Compreendo a busca do povo por Deus em meio a seu trabalho ou estudo, porque é a mesma busca por Deus que tenho tido. Desde jovem tenho que dialogar com gente que não medita numa paróquia, ou em um movimento religioso, mas que, Último Andar [21] – março de 2013

igualmente, tem uma busca por sentido. E, para mim, descobrir nas interações cotidianas a presença do divino para o povo, em especial recordando os anos em que estive na Espanha, reforça o quão impressionante é perceber como as pessoas buscam a Deus em meio a tantas situações, não necessariamente vinculadas a uma instituição. Há, sem dúvida, uma busca muito real e muito forte, ainda assim. No Chile é igual. Me encontrei com Deus por algum motivo, e sinto que à parte de nossa individualidade precisamos dividir o aprendizado pessoal com gente da sociedade, que busca o sentido para sua vida, e essa fé tem me servido para ajudar os outros também a buscar esse sentido.

Um aspecto importante da minha vida interior que mobilizou esta iniciativa é, sem dúvida, este. Outro aspecto determinante em meu interesse particular é que a experimentação do divino sempre me está, de alguma maneira, vinculada à arte. Eu pinto, estou sempre em busca de uma reflexão estética. Junto à busca de sentido, uso esta prática canalizando esta compreensão em diversas correntes, podemos assim dizer. Então, este canal com o qual tenho dialogado tem me ajudado sobretudo a descobrir um aspecto importante da experiência religiosa, que é sua interpretação. Curiosamente, isso também tem me ajudado na pergunta pela hermenêutica.

U.A. – Uma interpretação não simplesmente estética, mas racional também?

C.C.N. – Exato, e a pergunta pelo sentido. A experiência do sentido é uma experiência humana, individual, e a ela associa a experiência da pintura. Eu dizia certa vez a uma pessoa para procurá-lo em uma obra: "Bom, mas tem de interpretá-lo, tem que aprender a vê-lo!". E ela respondia: "Como tenho de ver!? Assim!?". Essa pessoa não sabia como parar de frente a uma obra de arte e procurar, seja uma pintura, uma escultura, porque no fundo, muitos dos outros indivíduos que também estão permeados por essa cultura onde nos movemos são parte de um sistema onde parece-me que o sentido que dita a experiência é comercial, um sentido de êxito, um sentido munido de uma senha de paradigmas que marca a norma neste momento. Por isso descobri que a pergunta pela hermenêutica é fundamental.

A religião aponta uma resposta a essa pergunta que todo ser humano se faz. Mas o que sinto é que a arte, a ciência, diversas manifestações humanas evocam esta mesma pergunta. Isso me marcou e me ajudou também a entrar em diálogo com pessoas

Último Andar [21] – março de 2013

que buscam essa resposta, ou ao menos que fazem esta pergunta. O tema da pergunta é fundamental, pois o homem mesmo é uma pergunta - ele mesmo faz a questão sobre si mesmo. Este é meu ponto de partida, que não é fundamentalista, é precisamente algo que vincula diversos saberes. Não é que um teólogo tenha as respostas! Um teólogo sabe que se interroga. Há de saber que fundamentalmente seu papel é interrogar, e ele deve sempre se permitir isso. Assim é que eu gosto da teologia!

U.A. – Qual é a maior relevância em se promover este programa de pós-graduação em Ciências da Religião num país como o Chile?

C.C.N. – Estamos iniciando um programa de pós-graduação em Ciências Religiosas e Filosóficas, mais precisamente em março de 2013. Uma das novidades é que é o primeiro curso no Chile que se dispõe nessa linha. E acredito que terá uma grande relevância por isso, pois significa, em primeiro lugar, inserir uma idéia nova na sociedade chilena. Significa colocar o estudo da ciência religiosa como uma colaboração à sociedade, e é, entre tantas outras medidas recentes, um reforço à justiça e à vida democrática.

O estudo da religião tem nos sido um auxílio por muito tempo após a volta da democracia para a construção de uma sociedade mais tolerante, promover a integração das minorias, os direitos dos povos indígenas, entre outros. Portanto, tomar consciência da importância que tem de se dar espaço à ciência da religião é passo fundamental, já que implica numa reflexão crucial para a sociedade e demanda um suporte interdisciplinar. Se antigamente a religião, pensando em "Chiles", era tratada apenas em termos de teologia, seja evangélica ou católica, abrir olhos a um estudo da religião como algo mais amplo é uma grande questão, porque implica situar-se na verdadeira sociedade atual, que é pluralista, desafiada a integrar o povo indígena, a mulher e outros interlocutores. Isso também implica na disciplina sendo capaz de uma oferta mais ampla em nossos organismos educacionais. É um passo importante que, a seu modo e à sua medida, pode sinalizar um momento importante na vida nacional.

U.A. – Aproveitando um trecho de sua fala anterior, como você enxerga a religião nos tempos de regime Pinochet e o retorno à democracia?

C.C.N. – Nas épocas de ditadura, era uma experiência fundamentalmente de resposta a um adversário, a um desafio ao qual aquela sociedade tinha se deparado por imposição, batalhando por recuperar a democracia no que diz respeito aos direitos humanos. Isso de alguma maneira canalizou muita força e muita energia em diversas igrejas, e nesse sentido foi muito positivo, pois gerou uma era mítica. Porém, o ponto importante desta pergunta é justamente este regresso à democracia: como as igrejas abordaram o tema de reconstruí-la? E, na minha opinião, que pode não ser a mais aceita, acredito que, quanto a essa reconstrução, as igrejas se mantiveram em dívida. Parece que estavam mais capazes e dispostas a lutar pelos direitos humanos que para construir democracia em si. Isso porque esse desafio implica em uma série de passos que as igrejas nem sempre estão dispostas a assumir. Por exemplo, tomar medidas para que o laico estude, que a mulher tenha cargos dentro da igreja, que o tema da justiça dentro de uma política neoliberal passe da formulação de documentos a uma realidade político-econômica mais tangível. E quanto ao tema da justiça, fato é que a igreja poderia há muito tempo atrás ter reivindicado maiores igualdades de direitos. Com a volta da democracia, porém, parece que o movimento das igrejas se conformou ao modelo. Parece que o tema de uma reflexão crítica de crescimento econômico, por exemplo, não tem a ver com a fé, percebe? Parece que a fé tem a ver com o sacramento, com as doutrinas, mas não por exemplo com o direito dos estudantes pelo acesso a uma educação de qualidade. Recentemente escapam algumas declarações aderindo a essas demandas. Mas em outro tempo passado isso era sabido e defendido com força como um direito fundamental, direito a uma educação, que não é um benefício, ou uma caridade relativa à fé religiosa, mas um direito humano. Não parece que entra no discurso religioso que se seguiu, portanto creio que falta muito a assumir de responsabilidades e ainda muito consenso a enfrentar na sociedade chilena nesses tempos.

U.A. – Os estudos religiosos sob esta abordagem são bem recebidos no ambiente acadêmico do país?

C.C.N. – Essa pergunta pressupõe muitas coisas. Percebe-se atualmente no Chile um amadurecimento de consciência entre teólogos, que gradualmente vêm se abrindo a esta nova perspectiva. Está se dando atenção à necessidade de se fazer uma

síntese, de abordar assuntos que teólogos não abordam. Como, por exemplo, abordar um fenômeno relacionado à saúde e religião, nos moldes tradicionais? O convencional é que ou se treine um médico, ou se treine um teólogo! Falta um trabalho interdisciplinar. Então quem o fará? Quem é capaz de fazer essa importante síntese entre ciência e fenômeno religioso? Se a manifestação não for abordada tendo como parâmetro este elemento fundamental e positivo da interdisciplinaridade, evidentemente grande parte da experiência religiosa de uma cultura que queira ser compreendida se escapa. Pense o que significa, na antropologia, frente à teologia, as variadas expressões religiosas do povo. No Chile há muitos que vivem no campo, pescadores, e gente simples que têm uma experiência religiosa que está ali, que se expressa sem uma reflexão teológica pronta, mas, afinal, quem daqueles se preocupa em refletir sobre isso? O teólogo traça uma história do dogma, analisa o dogma, publica estudos teológicos, mas não estuda a experiência religiosa de um camponês, que está ali e está viva! Não estuda a fé de um pescador da mesma forma que estuda Deus na universidade. Não estuda a experiência simbólica de gente que acredita que pode-se perceber uma casa carregada de energias negativas, como por exemplo as construídas próximas a um cemitério. A antropologia, por sua vez, estuda, e vinculada ao fenômeno religioso, explica como se justifica esse imaginário, e decerto lança vislumbres de o quão necessário mostra-se apreendê-lo em suas particularidades. Portanto, o estudo da religião em determinada cultura e distintas igrejas só pode avançar num estudo por diversas vias, e cabe aos acadêmicos perceberem esse fato.

U.A. – O que mais teria a dizer sobre a ligação da ciência à teologia?

C.C.N. – Na situação chilena, como já mencionado, estamos num ponto de partida. Considero que há uma premissa fundamental que jamais pode ser ignorada nesta relação entre ciência da religião e teologia. Uma pessoa que estuda teologia sabe que epistemologicamente não pode levantar seu discurso teológico sem uma base científica. Se eu quero fazer uma análise do texto bíblico, passo necessariamente pela linguística para analisar. Então, quanto à pergunta pela relação entre ambas, precisamos primeiro saber a que teologia estamos nos referindo. Se entendemos a teologia como uma espécie de catequese mais ilustrada, evidentemente não há diálogo, porque não necessita de uma mediação científica. Agora, se vamos nos referir à teologia como uma

ferramenta que se pergunta pela realidade de Deus, hemos de convir que necessariamente há de se fazer um diálogo com a ciência. E, portanto, tomar parte de uma série de perguntas do homem contemporâneo. Se o teólogo quer responder às perguntas que Deus faz à sociedade hoje em dia, é necessário se valer dos próprios recursos da ciência para saber quais são essas perguntas e como respondê-las. É impossível que um teólogo faça teologia desprendida da realidade - este não seria um teólogo. E, segundo a própria Bíblia, a palavra de Deus tem caráter de pergunta. Ao ler o livro sagrado, você toma consciência de que, quando tal figura se comunica conosco por aquelas páginas, nunca o é por intermédio de uma frase direta, mas sempre por uma pergunta. Podemos citar a chamada vocacional de Isaías. Deus faz a pergunta, e quem responde é o homem. O teólogo há de saber que seu compromisso é com as perguntas, não que necessariamente tenha todas as respostas. A teologia funda-se em construir sentido em parte daquelas perguntas. Seja a pergunta que se faz acerca da origem do universo, da injustiça na América Latina, do futuro da cultura indígena, ou o que for, e são perguntas potencialmente relevantes para a discussão religiosa. Assim, nesse contexto, entendo que a ciência da religião não está oposta à teologia. Pelo contrário, se necessitam mutuamente. Porque se trata de explicitar um mesmo fenômeno que tem diversos enfoques e diversos objetivos. A psicologia da religião entra em diálogo com o fenômeno religioso na experiência subjetiva do sujeito desde seu princípio. Pensar, por exemplo "como você faz teologia?", "como você responde a pergunta pelo sentido?", "como o homem de hoje faz esta pergunta?", "como considerar o aspecto hermenêutico?", é teologia e inevitavelmente clama uma ligação estreita com a ciência.

U.A. – E como a pessoa que se formará neste mestrado se diferenciará em relação a alguém formado em teologia? Qual o perfil esperado?

C.C.N. – O diferencial que terá esta pós-graduação que o diferenciará de outra proposta possível em uma faculdade de teologia? Novamente, não esqueçamos que é o primeiro curso de pós-graduação nessa área no país, e até o momento se firma em filosofia e teologia, sendo precisamente uma síntese necessária para entrar em diálogo entre as duas disciplinas. Algo, aliás, que se requer na sociedade em que estamos, enquanto há uma vasta série de aspectos filosóficos e teológicos relativos a Deus que parecem ir um por um lado, outro pelo outro. Quando avançamos num trabalho plural

assim, entramos num terreno de colaboração com ambas disciplinas, que no futuro podem ser ainda outras, como psicologia e antropologia. E essa primeira síntese pretende ser a base deste curso de estudos de religião. O filósofo que sair dali, sairá com uma bagagem teológica bem forte. Da mesma maneira, aquele que estuda teologia sairá com um reforço filosófico importante que não se encontra no Chile. A um primeiro momento nos parece ser um resultado evidente e um repertório quase indissociável, mas na realidade não é assim. Na Europa, um teólogo sabe muito de filosofia, mas no Chile não. A habilidade que um educador tem de desenvolver idéias coesas para apresentar uma síntese filosófico-teológica da fé cristã, nesse caso, é determinante. Há na atualidade uma série de conceitos em voga, como o conceito de salvação, o conceito de a alma, e eles pedem uma explicação apropriada ao contexto. Mas o que é isso? É necessário saber fazer uma síntese atualizada desta linguagem. O que haverá, portanto, nesta pós-graduação, e num primeiro momento, é esse duplo reforço.

U.A. – Existe alguma expectativa sobre a aceitação do público discente perante essa iniciativa?

C.C.N. – Podemos prever um certo interesse, por já termos um bom número de alunos por vários anos na universidade. Sou otimista quanto a isso, creio que há muita gente querendo iniciar uma pós-graduação deste tipo, com objetos tão importantes, e creio que à medida que for se diversificando, muita gente ávida por estudar e se aprofundar neste tipo de assunto aparecerá. Diria que tenho um bom prognóstico.

U.A. – De que modo este programa poderia auxiliar no estudo das diversas religiosidades chilenas?

C.C.N. – Muitos! No país há vários fenômenos religiosos importantes. Por exemplo, o pentecostalismo, as culturas indígenas, a dita "indiferença religiosa". Em um período de dez anos, tudo está se revolucionando fortemente, mas ocorre que o estudo deste tema no Chile e região é praticamente nulo. Por exemplo, a nível latino-americano, o pentecostalismo é um movimento muito forte, e por isso mesmo é imprescindível abordar este fenômeno por diversos ângulos, para ajudar a compreender o que está acontecendo em nossa sociedade. Há regiões mais rurais onde as famílias antigamente eram completamente católicas, e que agora estão passando por um processo de transição bem curioso, que deriva da industrialização do campo, constituindo

Último Andar [21] – março de 2013



inevitavelmente uma nova realidade. Essa gente não se sente mais identificada com uma religiosidade católica de massas, numa perspectiva sociológica, e encontra sua percepção de sentido num espaço mais reduzido, numa religião não tão intelectual, mas mais emotiva e mais democrática em certo sentido, que ao menos permita uma expressão mais direta do sentimento religioso. Isso transcreve uma transformação democrática, pois não se trata de estudar a religião para vencê-la, mas para descobri-la, compreendê-la, entender o que acontece em cada espaço religioso. Se trata de um trabalho onde podemos entender que, como creio, Deus está trabalhando também na crença do mapuche, do quechua, do católico, do pentecostal, e é necessário valorizá-la, integrá-la, entendê-la, complementá-la. Neste sentido, um programa como o que estamos propondo tem uma dimensão ecumênica e social muito importante.

U.A. – Como as religiões autóctones tradicionais, como as culturas indígenas andinas, são vistas hoje no Chile?

C.C.N. – Lamentavelmente, no Chile, este é um tema pendente. A região em que vivo é a região central e as religiões indígenas estão mais nos extremos. Em Santiago também existe, mas somente porque há uma colônia mapuche. O ponto é que devemos, como país, abordar isso. Uma faculdade de teologia não aborda isso, mas teremos que abordar! Perante a cultura desses povos importantes, queremos ser seus interlocutores! Como fazer? Precisamos abrir uma faculdade de ciências religiosas e filosóficas para o diálogo inter-religioso.

No Chile, e na mentalidade acadêmica atual, falta espaço e abertura para essa abordagem. Será que teremos problema de demanda? Evidente que não. Evidente que não faltará gente interessada para estudar tamanho assunto! Mas o desafio é, dentro das nossas possibilidades, sermos interlocutores respeitosos, construtivos e propositivos. Pensando que ainda estamos começando, simplesmente ter abertura para lidar com este assunto relativamente renegado, na medida do possível, já é um tremendo passo.

U.A. – Gostaria que comentasse, a grosso modo, algumas observações sobre o processo de secularização no Chile atual.

C.C.N. – É um fenômeno onde se diferenciam vários elementos que merecem ser citados. O primeiro é que a secularização é mais profunda do que se parece. Tem-de

se flagrá-la num câmbio de época. Isso significa que, se na antiguidade o mundo era compreendido em categorias míticas, o processo de secularização implica em um câmbio de registro na maneira de situar as culturas do homem no mundo marcadas pelo conhecimento científico. As categorias pelas quais você tem a experiência religiosa implicam um esforço por parte das igrejas ou instituições e universidades por refletir sobre o tema religioso.

No século passado era frequente a noção de que para compreender o fenômeno religioso era necessário se aproximar do conceito de mitologização, como uma chave para viver a fé num mundo secularizado. Mas nos tempos atuais mais se vê a necessidade de mitologizar o conceito, e não mais o mito. A diferença está na exigência de voltar a pensar desde o mito, desde o símbolo, desde a metáfora. A filosofia de Paul Ricoeur, Jacques Derrida, ou a filosofia estética de Adorno postulam precisamente isso. Segundo Ricoeur, se eu me apego a um conceito, eu entendo a realidade somente de um paradigma cartesiano, mas isso não corresponde ao todo. Para ver toda a realidade, necessita-se elencar símbolos. Então é imprescindível se estudar os símbolos do mal, da culpa, e tantos outros. Conhecendo o símbolo, conhecerá o homem. O homem e a cultura humana não se acabam a esmo, já que se tem uma grande quantidade de dados supostamente objetivos. Na realidade, se tem uma objetividade à margem de sua própria existência. Esta constrói não só uma realidade externa, mas também uma realidade que, enquanto a estuda, também se está dela participando. Pensar assim convida ao conhecimento do inconsciente, das culturas, do fenômeno religioso, e é fundamental atender à linguagem simbólica das metáforas. Quem coloca-se à margem disso acaba se abstendo de uma parte da realidade! Então, nesses tempos seculares, há a iminente demanda por uma contraparte científica, sem dúvida. Este pensamento e esta filosofia pedem, podemos dizer, um diálogo com o sonho, com o inconsciente, e consequentemente com o símbolo. Se um cidadão quer compreender sua própria cultura, necessariamente tem que prestar atenção à linguagem do mais pobre, por exemplo, que não tem a linguagem científica, apenas uma linguagem emocional, mítica, anterior à língua. Ele tem um filtro universal, aquele do imaginário.

Ainda sobre isso, sinto um problema bem sério na América Latina. Parece que a secularização vai ao sentido contrário do "deixar falar os pobres". Explico. As culturas

mais postergadas, pobres, indígenas, não têm acesso a uma cultura científica de forma mais represada. Sua linguagem é, como se sabe, mais marcada por um tipo de mentalidade mítica ou mágica. Podemos ver isso na experiência dos males, superstições e ritos mágicos, que existem em meio a todas as sociedades. Então, se você tem na mesma esfera uma cultura de base mágica, e outra cultura de base científica, da trabalhada nas universidades, esta última é menos acessível.

Que curioso ser assim na América Latina, você se põe a observar! O paradigma científico está a serviço ou contra os mais pobres? O desafio da secularização não pode, creio eu, se valer deles só como objetos de estudo. Os pobres não estão aí para isso. A ciência da religião tem de estar a serviço também dos mais pobres. Portanto, a linguagem científica, o paradigma científico, tem de estar a serviço dela, mas não com uma postura distante e cética frente a uma cultura que tenha algum rito e condutas interessantes apenas pela excentricidade. Este distanciamento não é tão necessário como se coloca. Você precisa estar presente na experiência destes sujeitos para poder abordar cientificamente a crença que tanto os motiva. As linguagens simbólica e científica são complementares e uma não deve excluir a outra.

Na experiência religiosa ou psicológica, tudo se expressa através do mito, mas se formos parar pra pensar, há diversos sistemas, como os postos por Freud ou Lacan que, apesar de pertencerem a uma mesma corrente, são distintos e podem ser as vezes até antagônicos. Eles sistematizam de várias maneiras uma mesma tendência, tal qual a ciência venha a articular e sistematizar elementos encerrados em si que têm uma origem própria ou um sentido um tanto auto-suficiente. Que não sabe dizer a si mesmo, mas precisa dizer-se. O mesmo vale para a experiência artística da pintura, já mencionada, que por mais que se faça por si mesma e se dê um sentido próprio, precisa ser interpretada.

U.A. – Sendo interessante para este empreendimento o contato com acadêmicos da área em outros países, quais as medidas tomadas e a serem tomadas para este fim?

C.C.N. – Creio que uma medida importante é a de estabelecer vínculos de intercâmbio de experiências. Me centro neste ponto porque uma faculdade de ciências religiosas e filosóficas é, como já dito, um passo novo, um terreno novo no Chile. Então  
Último Andar [21] – março de 2013

é fundamental descobrir a estrutura que pede um departamento deste. Esse suporte não é fácil de visualizar, já que no meu país praticamente não há este tipo de trabalho interdisciplinar, mesmo em outras áreas. Diálogos e colaborações entre universidades que trabalham na mesma direção podem ajudar a enriquecer, contribuir, aprofundar a identidade e o aporte de uma faculdade de ciências religiosas e filosóficas.

U.A. – Que expectativas você carrega quanto a essa iniciativa para os próximos 5 anos?

C.C.N. – Não tenho nenhuma grande expectativa pessoal, utópica. Isso porque tomar consciência da necessidade que um curso deste tem na região já nos permite prever o que virá. Ir se ampliando e se ancorando é minha expectativa natural. Visualizando os próximos anos, eu diria que acontecerá, em termos relativamente regulares, um crescimento do departamento, da instituição, e do próprio panorama acadêmico chileno. E creio que se avançará em diversas frentes. A primeira, em uma colaboração inter-universitária em programas similares. Nosso intermédio aqui na PUC já parece ir nessa mesma direção. Também teremos contato com outras instituições, como na Colômbia, outras também no Chile, bem como em grandes centros teológicos. Portanto, no que diz respeito a consolidar o programa, tenho a expectativa de que em breve isso já se dará. Essa seria uma primeira expectativa.

Quanto a um segundo ponto, arrisco palpar que se pode considerar que, eventualmente, no Chile, o panorama universitário irá se diversificar - coisa que até agora não estava acontecendo. Não é só nossa universidade que está passando por essas transformações, mas vários cursos novos estão sendo inaugurados com mentalidade e visão semelhantes. Esse cenário significará que a população universitária que estuda e carrega como pergunta a relação entre ciência e a religião irá crescer. E portanto, a proposta em torno dos estudos de ciências da religião envolverá, prevejo, gradualmente, números de alunos que não estavam em anos anteriores. Serão então pesquisadores de religião interessados, respaldados por uma orientação, sendo preparados por uma formação que pode inserir funções de trabalho no mercado, referente a diversas instituições na sociedade chilena que hoje ainda não recebem atenção. Se, por exemplo, em uma instituição precisarmos lidar com a apatia ou indiferença do indivíduo frente à igreja e entender como isso implica em sua vida cotidiana, normalmente chamaríamos um

teólogo ou um sociólogo. Enquanto o primeiro não entende de sociologia, o segundo não entende de teologia. Então dá-se um curto-circuito e nada se resolve. Conforme vão se passando as gerações desses estudiosos, cada vez a pesquisa vai ficando um pouco mais coerente, mais pertinente, e a ciência da religião ajudará na construção de uma sociedade mais justa para compreender este aspecto tão fundamental da vida humana.